

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2018 - ANO XXII - Nº 260

EDITORIAL

Às vésperas de eleições gerais, o país se vê mergulhado numa crise político-econômica sem precedentes. O desemprego atinge índices inimagináveis – mais de 13 milhões de brasileiros sem trabalho. A crônica falta de serviços básicos, de saúde, de educação e de investimentos em cultura e preservação do patrimônio retrata o abandono e o descaso de nossos governantes para com o país.

Os candidatos a cargos eletivos no próximo dia 7 de outubro têm discursos semelhantes. Todos dizem conhecer os caminhos para sanar nossas mazelas. O que se vê após as eleições, porém, é uma eterna briga pelo poder enquanto se esquecem de administrar o país arruinado pelos partidos políticos e seus principais representantes. O Brasil carece de lideranças compromissadas com um projeto de país.

O cenário atual é de descrédito com a classe política. Uma sombra ameaça a democracia. A eleição para presidente da república, que deveria ser um congraçamento entre o eleitor e seu candidato, se tornou um momento de indiferença, desânimo e apreensão. Os dois candidatos ao cargo máximo da República mais bem posicionados mostram-se eivados de rancor e sentimento de revanche. O “nós contra eles”, apregoado por uma grande liderança, levou a essa situação. Parece que retrocederemos a tempos sombrios. Nesse vale-tudo pelo poder, o país poderá ser jogado num abismo. A crise política por que passa o país não foi gerada agora. Vem sendo engendrada há algum tempo. A classe política vem se desmoralizando em decorrência da ladroagem. Perdeu a credibilidade.

Sucessivos escândalos de corrupção maculam a política e evidenciam um perverso desvio de personalidade em políticos tidos como íntegros. Nosso modelo político mostra-se equivocado. Em nome da governabilidade abre-se mão da ética, do patriotismo e do civismo. Barganha-se, compra-se e vende-se apoio. Negociatas são comuns. Com desfaçatez troca-se esse apoio por malas de dinheiro, cargos e votos.

O cidadão comum sente-se traído por aqueles a quem confiou seu voto. Elegem-se pessoas esperando que resolvam os graves e crônicos problemas nacionais. Mas não é isso o que acontece.

Os partidos se esfacelaram. Sem propostas coerentes, tornaram-se agremiações para se apropriar do Estado. O momento político é ameaçador e requer reflexão, pois, nesse vale-tudo quem perde é a nação. É tempo de união! É preciso reconstruir a credibilidade perdida.



Reprodução da Internet

Enquanto o Museu Nacional ardia, pensávamos em Piquete: o que aconteceu com o Museu Municipal, formado e cuidado por Carlos Vieira Soares? Tão importante como guardião da memória piquetense, desapareceu, bem como seu acervo, sem que ninguém fosse responsabilizado.

O descaso com a memória nacional

Foi com perplexidade que os brasileiros assistiram, na noite de domingo, 2 de setembro, ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, arder em chamas.

O edifício de mais de 200 anos, que foi o palácio em que residiu o Imperador Pedro II, transformado em guardião da memória nacional, foi consumido em poucas horas por um grande incêndio. Um sentimento de dor e impotência tomou conta do país. Atônitos, constatamos, mais uma vez, que a incúria de sucessivos governos, nas diferentes esferas de poder, concorreu para essa tragédia que empobreceu o país.

Em época de campanhas eleitorais, principalmente, os governos vendem para a população um país desenvolvido, de grandes potencialidades naturais e culturais, de inclusão – um país do futuro. A realidade, no entanto, é perversa. Nossos homens públicos, preocupados apenas com o poder pelo poder, nunca atentaram para valores culturais e éticos. O pouco que se investe em educação e cultura impacta na ineficiência e na formação de nossos estudantes – uma vergonha num país que é a oitava economia do mundo! Uma sociedade com cidadãos com fraca formação político-econômica e social, que despreza tanto a educação quanto os valores culturais, não pode se pretender desenvolvida. O atraso e o subdesenvolvimento imperam no país.

A destruição do palacete de três andares em estilo neoclássico foi total. Foram calcinadas mais de 20 milhões de peças que compunham um dos maiores acervos de história natural e antropológica das Américas.

A antiga sede do Brasil Imperial era não só um museu, mas um grande centro produtor de ciência e conhecimento. Centenas de pesquisas nos mais diversos ramos foram interrompidas.

O que aconteceu com o Museu Nacional é uma constatação para o país, pois evidencia que é crônico o descaso com o passado e com a cultura. O investimento em ciência nas universidades vem diminuindo cada vez mais, concorrendo para que o país apresente um dos piores índices de educação do mundo.

Vem de longe o abandono de nosso legado artístico e histórico. Quantas igrejas e casarios derrubados em nome do progresso! Quantos monumentos depredados! O descaso ocorre por todo o Brasil, das grandes às pequenas cidades. Num país em que os administradores assumem cargos públicos por vaidade e interesses escusos não há respeito, muito menos preocupação, com o patrimônio comum. Além disso, a impunidade concorre para a perda de nosso patrimônio, tanto material quanto imaterial, empobrecendo-nos ainda mais.

Enquanto o Museu Nacional ardia, pensávamos em Piquete: o que aconteceu com o Museu Municipal, formado e cuidado por Carlos Vieira Soares ao longo de sua vida? Instituição tão importante como guardiã de parte da memória piquetense, foi abandonada, vindo a desaparecer, bem como seu acervo, sem que ninguém fosse responsabilizado. Qual será o futuro de um país cujo povo não preserva e nem respeita seu patrimônio?

Imagem - Memória



Fotos Arquivo Pró-Memória



Um verdadeiro sacerdote: Pe. Oswaldo Bindão

Em 31 de julho de 1937, a Paróquia de São Miguel recebeu, com festas, a visita pastoral de Dom André Arcoverde, bispo de Taubaté, que deixou consignadas no primeiro livro do tombo da Paróquia suas impressões sobre o trabalho do Pe. Oswaldo Bindão, que estava à frente da Igreja de Piquete: “... a população local tem correspondido ao zelo e à dedicação verdadeiramente sacerdotais do Vigário Pe. Oswaldo Barros Bindão que, embora jovem, tem demonstrado ser, na direção paroquial, um verdadeiro sacerdote, nada poupando para o progresso espiritual e temporal da mesma...”.

Pe. Oswaldo Bindão chegou a Piquete em 2 de fevereiro de 1935. Aqui, recém-ordenado, exerceu seu primeiro trabalho como pároco. Era muito jovem – contava pouco mais de 23 anos. Dinâmico e com muita vontade de evangelizar, desenvolveu um profícuo trabalho junto à comunidade.

Pe. Oswaldo de Barros Bindão nasceu em 6 de março de 1912, em Taubaté, filho de João Bindão e Maria Antonieta de Barros Bindão. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal. Perguntado por uma professora do primário se não gostaria de ser padre, teve nesse momento despertada sua vocação para o sacerdócio. Fez os estudos de Filosofia e Teologia no Seminário Diocesano Santo Antônio, onde ingressou em 1925, com apenas 13 anos. Foi ordenado presbítero aos 23 anos, em 8 de dezembro de 1934.

Em Piquete, logo no dia de sua posse, inaugurou e benzeu a casa paroquial construída pelo seu antecessor, Pe. João Guimarães.

Pe. Oswaldo Bindão permaneceu em nossa cidade até 31 de dezembro de 1937. Em apenas dois anos e meio em Piquete, suas ações foram muitas.

Criou a 1ª Conferência de São Vicente de Paulo, no Bairro dos Marins, com o nome de Conferência de Nossa Senhora Aparecida dos Marins; em 24 de maio de 1935 fundou a Pia União das Filhas de Maria; em 15 de outubro de 1936 surgiu o jornal “A Ordem”, que se tornou o paladino das aspirações do povo piquetense e, mais tarde, Órgão Diocesano; aos 19 de março de 1937 fundou a Juventude Operária Católica (JOC). Em sua gestão foi construída a nova capela dos Marins e benta a capela do bairro da Tabuleta, ambas sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida; nomeou uma comissão para trabalhar e zelar pelas capelas das Posses, Tabuleta, Itabaquara e São José.

Musicista de muita sensibilidade, formado em São Paulo, estimulou um grupo de jovens para a organização de um coral para a Matriz, e fundou, também, um coro infantil com crianças da Cruzada Eucarística.

Após deixar Piquete, foi reitor e professor no Seminário Diocesano de Taubaté. Por 5 anos, atuou como capelão do Sanatório Vicentina Aranha, em São José dos Campos, período em que exerceu o Magistério no Colégio Estadual da cidade. Era membro do cabido como Cônego, título que lhe fora concedido em 1950. No ano seguinte, em 1951, veio para a Paróquia de Santo Antônio, em Guaratinguetá, onde permaneceu por poucos meses. Em 1953, retornou para Guaratinguetá também para ficar pouco tempo. Dessa vez, porém, o “pouco tempo” durou 39 anos. A paróquia compreendia a margem esquerda do ribeirão São Gonçalo e toda a margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Ministrava aulas de religião na Escola Normal e foi professor, também, na Escola Paulo VI, de formação para leigos profes-

sos de religião. Em 1958, por meio de ato do Papa Pio XII, foi nomeado Monsenhor e Camareiro Secreto da Santa Sé. No mesmo ano, tornou-se Vigário Colado de sua paróquia. Ou seja, dela sairia apenas por vontade própria ou para assumir cargo mais elevado na Igreja. Em 1965, esteve presente ao final do Concílio Vaticano II, em Roma. Estudioso incansável, conhecia muito bem a doutrina e dela era fiel defensor. Tinha, porém, também, a mente aberta às novidades do pensamento cristão. Preocupado com o patrimônio histórico e cultural de sua paróquia, cuidava com zelo de todo o seu acervo. Com a criação da arquidiocese de Aparecida, optou por nela permanecer. O administrador, Cardeal Mota, arcebispo de São Paulo, encontrou em Pe. Bindão seu braço direito. Ele foi vigário geral da arquidiocese entre 1978 e 1990 e participou da comissão de construção da nova basílica. Em 1987, apresentou sua carta de renúncia ao então arcebispo, Dom Geraldo Penido, que a recusou. Monsenhor Bindão, mesmo com tanta idade, continuou seu trabalho como pároco e vigário geral. Em 1994, deixou o cargo de Pároco da Paróquia de Santo Antônio, onde quis continuar vivendo. Pe. Oswaldo Bindão chegou aos 90 anos, tendo falecido em 27 de maio de 2002, em Guaratinguetá.

Durante toda sua vida como padre, nunca abandonou Piquete, onde mantinha muitos laços de amizade. Era frequente sua presença nas festas do padroeiro São Miguel. Sempre que vinha a cidade, era recebido com festas e muito carinho. Os piquetenses reconheceram seu trabalho pastoral concedendo-lhe, em 1988, quando do centenário da criação da Paróquia, o título de Cidadão Honorário.

GENTE DA CIDADE

Pe. Alexandre

Pe. Alexandre Pereira da Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 9 de junho de 1944. É o quinto entre os onze filhos que tiveram José Marques da Silva e Osmarina Pereira da Silva.

Os estudos iniciais foram no Rio de Janeiro, onde diz ter tido uma infância muito feliz, “pois sou de uma família bem numerosa com muitos tios e primos”. A formação católica teve início desde pequeno, pois a família sempre foi muito religiosa e praticante. Afirma que deve as principais influências no tocante à formação católica aos padres redentoristas da Paróquia de Santo Afonso, no bairro da Tijuca, onde foi coroinha e onde foi crismado.

Os estudos no seminário primeiramente foram feitos em Congonhas, MG. O Científico (atual Ensino Médio) foi em Andrelândia, também em Minas. Em seguida fui enviado para um período de dois anos de experiência pastoral – seis meses nos Estados Unidos da América e um ano e meio na Costa Rica. Retornando ao Brasil, voltou para Minas, a fim de cursar Filosofia e Teologia na PUC-Minas (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais), em Belo Horizonte.

Foi ordenado Diácono e Presbítero pela Arquidiocese de Brasília, ambas as cerimônias realizadas na Catedral. A ordenação sacerdotal foi no Domingo da Páscoa de 1973, dia 22 de abril, e a primeira missa solene uma semana depois, na igreja de Santo Afonso, dos padres redentoristas, no domingo, 29 de abril.

Já como Presbítero, a primeira atuação foi como vigário paroquial (auxiliar do pároco), na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, na cidade satélite de Taguatinga, DF.

Pe. Alexandre relata que sua transferência para Piquete aconteceu em função de ter conhecido Dom Antônio Afonso de Miranda, então Bispo Diocesano de Lorena, na ordenação sacerdotal de um colega de curso que era da sua mesma Congregação – a dos Sacramentinos de Nossa Senhora.

“Estive como Pároco, em Piquete, servindo a Deus e ao seu povo, de 1974 a 1982. Nesse período, eram sacristãos o senhor Zequinha Meireles e o senhor João Rodrigues Ramos, pessoas muito marcantes na vida religiosa de nossa cidade”, conta.



Como Pároco de Piquete, Pe. Alexandre destaca um momento muito especial: a explosão do IV Grupo da Fábrica Presidente Vargas, da IMBEL. “Era uma manhã de setembro de 1974, poucos dias após minha chegada. Todos que tinham dado entrada e lá se encontravam morreram. Impressionou-me o fato de somente dois operários terem sido encontrados com seus corpos inteiros, podendo ser identificados. Dos demais, foram recolhidos os restos mortais em sacos plásticos, que foram colocados em urnas com areia, para que tivessem algum peso. Em frente à capela de Nossa Senhora Auxiliadora, ao lado do Hospital da FVP, presidi a missa de corpo presente com grande participação das famílias enlutadas e também da população piquetense. Na homilia, lembro-me de ter feito uma colocação mais ou menos assim: ‘a nossa Fábrica Presidente Vargas, ao mesmo tempo que dá emprego a muita gente, favorecendo o sustento e a realização de muitas famílias, vez por outra, em acidentes de trabalho como esses, leva alguns operários, trazendo luto e tristeza a vários lares de Piquete’”.

Nos oito anos em que estive com a comunidade católica piquetense, foi notável

o crescimento da espiritualidade, como também a amigável convivência de todos que caminhavam juntos na penumbra da Fé, procurando seguir Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso único Salvador (cf. At 4, 12). Pe. Alexandre destaca as nossas duas comunidades rurais dos Marins e do Itabaquara.

“Eram sempre muito marcantes as nossas celebrações da Semana Santa, com destaque maior para as Vigílias Pascais, no Sábado Santo para o Domingo da Ressurreição do Senhor. Destaco, também, as novenas e festas do nosso querido e glorioso Padroeiro São Miguel Arcanjo, em que se destacava a alegre e sadia convivência de todos nós, inclusive com os piquetenses não residentes, que sempre faziam presença. Tenho que destacar, ainda, com muita gratidão e felicidade, o Título de Cidadão Honorário de Piquete, que me foi concedido pela sua egrégia Câmara Municipal. A cerimônia ocorreu no aniversário da cidade, no dia 15 de junho de 1980. Era Prefeito Municipal o Prof. José Armando de Castro Ferreira e Presidente da Câmara Municipal o Vereador Pedro Augusto da Silva. Esse título representa, para mim, todo o amor, o carinho e o acolhimento da Comunidade Piquetense em retribuição ao pouco que pude lhe dar nesses oito anos de convivência”.

Em 1982, Pe. Alexandre foi transferido para Minas Gerais, onde está incardinado na Diocese de Oliveira. Em terras mineiras, foi Pároco em Cana Verde, Itaguara, Perdões, Candeias, São Francisco de Paula, Ribeirão Vermelho e São Tiago. Atualmente, por motivo de saúde, está emérito: é pároco emérito de São Tiago Maior e Santana (Paróquia de São Tiago, cidade próxima a São João Del Rei), mas reside em Carmópolis de Minas, às margens da Rodovia Fernão Dias, pela sua proximidade de Belo Horizonte. Nessa Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, coopera com as celebrações de missas, tanto na sede como nas comunidades rurais.

Pe. Alexandre, mesmo longe e depois de cerca de 36 anos, mantém forte vínculo com os piquetenses, aos quais dedica uma mensagem especial:

“Neste ano em que a nossa Paróquia de São Miguel, em Piquete, completa 130 anos, quero desejar a todos, na caminhada pela longa estrada da vida, uma fé muito firme, contando com a Graça de Deus, sempre maior que qualquer desgraça que possa ter acontecido, que esteja acontecendo, ou que venha a acontecer na vida da gente; contando também com a força de Deus, sempre maior que nossa fraqueza, que nos leva a cair no pecado; e contando ainda com o perdão de Deus, sempre maior que o nosso pecado (“Se o nosso coração nos acusa, Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas” – 1Jo 3, 20).

Que em Jesus, nosso único Senhor e Salvador, com o amparo de Maria, nossa Mãe sempre atenta e solícita às nossas necessidades espirituais e temporais, e também com a intercessão de nosso glorioso Padroeiro, São Miguel Arcanjo, todos tenhamos vida, e vida em abundância sempre maior, até que possamos um dia alcançar a sua plenitude, com Deus sendo tudo em todos. E esse dia será eterno!”.

Pe. Alexandre (à direita), quando do Jubileu de Prata de sua ordenação presbiteral, com D. Antônio Afonso de Miranda (à esquerda) e amigos, em Piquete.



Foto: acervo particular

As pedras em minhas mãos

Fui ao Teatro. A peça em cartaz era ‘Zilda Arns. A Dona dos Lírios’. Simone Kalil, excelente atriz, representava uma pequena parte da vida de Zilda Arns, médica sanitaria, irmã do brilhante Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e filha de Gabriel Arns e Helene Steiner. Esses deram a Zilda outros 15 irmãos e irmãs. Um pequeno desvio para algumas curiosidades. A avó de minha esposa, Dona Cândida, foi empregada doméstica da família do Sr. Gabriel Arns. Já o avô, Antônio, foi catequista de muitos membros da família Arns, inclusive o próprio e saudoso Dom Paulo. As famílias Arns e Schmoeller foram fundadoras da cidade de Forquilha, em Santa Catarina. Os Arns chegaram da Alemanha em 1848, passando por algumas cidades em Santa Catarina. 14 anos depois, em 7 de outubro de 1862, a família de Bernard Schmoeller, tataravô de minha esposa, chegou ao porto de Santos vindo do mesmo país. Essas famílias se encontraram em Araranguá e dali fundaram Forquilha. A cidade toda foi construída pelas mãos dos imigrantes. Exatamente 100 anos depois da chegada do tataravô de minha esposa eu nascia e, por feliz coincidência, nas mãos cuidadosas de sua bisneta Marta Schmoeller. Alguns anos depois eis que me caso com a tataraneta. Não creio que tenham algum significado especial essas coincidências e todos esses números nada cabalísticos. Mas agradeço e é curioso não? Isso apenas serve como pano de fundo para o texto que venho colocar aqui.

Pois bem. Num trecho da encenação a atriz conta que Dona Zilda chega a um bairro no norte do país chamado Bairro das Primas. Era um bairro de prostitutas onde viviam com suas 50 crianças. Zilda se apiedou daquele povo e conversando com as mulheres descobriu que estavam ali por falta de opção, pelo destino cruel da vida, por muito motivos. Mas as mulheres não queriam continuar naquilo. Zilda colocou-as como participantes da Pastoral da Criança. Elas vestiam a camiseta da pastoral e as “pessoas de bem” começaram a criticar duramente Zilda. Padres, moradores e

mulheres beatas diziam as mais torpes bobagens contra Zilda. Lá no tempo de Jesus era o mesmo, não? Indiferente, ela conseguiu máquinas de costura e treinamento e transformou o Bairro das Primas no Bairro das Rendeiras. As crianças que lá morriam não mais morriam. Ela transformou o lugar. A peça deixa de contar, por falta de tempo obviamente, outros passos em que Zilda sofreu muito. Além de indignação, Zilda gerava ciúmes. O livro “Zilda Arns — Uma Biografia”, do jornalista Ernesto Rodrigues, diz que “um dos pontos inéditos da biografia está em evidenciar as conspirações que a ala conservadora da Igreja católica urdiu para derrubar dom Paulo, a Teologia da Libertação — e Zilda. Outras pastorais, como a do Menor, sentiam-se lesadas pela proteção que dom Paulo dava à irmã. Quando foi ao Vaticano em busca de verbas, ela obteve uma negativa do cardeal Alfonso López Trujillo, chefe do Conselho Pontifício para a Família. Ele acusou Zilda de ‘comunista, como seu irmão’. Zilda saiu tão furiosa da sala que bateu o pé dos sapatos”. Alguém ensinou isso a seus discípulos não foi?

Grande parte da Igreja de hoje tem tratado o Papa Francisco da mesma maneira. A preferência pelos pobres e necessitados sempre causou e causa certa repulsa nos conservadores. É sempre a mesma palavra: “comunista”! Se ter preferência pelo pobre é sinônimo de comunista, que eu seja comunista. Então Jesus era comunista. São Francisco de Assis era comunista. D. Helder Câmara, D. Paulo Arns, D. Pedro Casaldáglia, D. Demétrio Valentini, Dom Luiz Eccel, Dom Sebastião Lima Duarte, D. Thomas Balduino e tantos outros eram e são comunistas. Padre Júlio Lancelloti, recentemente agredido a cacetetes e gás pimenta pela Guarda Civil Metropolitana ao acolher os moradores de rua; Irmã Dorothy, que morreu assassinada por defender os marginalizados a mando de fazendeiros; e tantos padres e irmãs que se arriscam nos recantos esquecidos do país, entre índios, quilombolas, agricultores de agricultura familiar, sem terra e sem teto são todos

comunistas. Recentemente, duas imagens me ilustraram bem a diferença entre dois mundos. Papa Francisco em seu aniversário, numa mesa posta com quitutes simples e bolo, comemorava seu aniversário com os pobres e pedintes de Roma. Um cardeal alemão, purpurado e elegante, numa mesa repleta de carnes e doces, cercado de outros bispos e cardeais, todos elegantemente vestidos, amparados por uma dúzia de garçons de fraque, comemoravam o aniversário do cardeal. Então me perguntei: onde Jesus estaria?

A vida é feita de escolhas. O Papa Francisco discursando aos jovens foi claro ao dizer: “Pessoas que fabricam armas ou investem na indústria armamentista estão sendo hipócritas se chamarem a si próprias de cristãs”. E segue: “As grandes potências tinham fotos dos trilhos que levavam os trens até campos de concentração como Auschwitz para matar judeus, (ciganos), cristãos (contrários ao nazismo), homossexuais, todo mundo. Por que não bombardearam (os trilhos)?”. Oras, quando em algum momento alguém apoia o uso de armas ou espera tratar homossexuais como os alemães trataram, considerando-os párias, raças e minorias como os nazistas trataram, o que devo fazer? O que escolher? Disse ainda o Papa: “Explorar as pessoas é um crime que lesa a humanidade: é verdade. Mas explorar uma mulher é algo ainda pior: é destruir a harmonia que Deus quis dar ao mundo. É destruir!”. O que seria explorar as mulheres? Não seria dizer que mulheres devem ganhar menos que homens? Não seria jocosamente apontar que “dei uma fraquejada e nasceu uma mulher”? Então, eu escolho e acolho as palavras do Papa. Eu escolho e acolho as palavras de Jesus. Eu creio que, como Zilda no Bairro das Primas, eu escolheria a vida e daria as camisetas para as prostitutas, pois sou cheio de pecados e não serei eu a atirar as pedras. Mas devo ser eu a acolher. Assim aprendi e assim entendi. Então, meus amigos, sim, se é assim que pensam: sou comunista.

Luiz Flávio Rodrigues Ramos



*A Fundação Christiano Rosa e
O ESTAFETA parabenizam a comunidade
católica piquetense no mês do seu
padroeiro, São Miguel Arcanjo.*



Eleição e os rumos da Educação

Eleição da negação! #elenão #elanão #facismonão #direitanão #esquerdanão... essa tem sido até o momento a tônica da campanha eleitoral para o cargo de Presidente do Brasil. Quem perde com isso? O eleitor consciente que se proporia a analisar e comparar as propostas. Propostas... será que existem?

O momento seria oportuno para discutir, por exemplo, um projeto da sociedade para a educação brasileira que precisa ter informações e saber que o Brasil destina quatro vezes mais recursos ao ensino superior do que aos iniciais do ensino

fundamental. Comprovadamente, essa é uma política que vai na contramão para um salto de qualidade. Se desejamos uma educação de excelência que possa impactar na economia, na qualidade de vida, na saúde, no bem-estar e na sociedade, o investimento prioritário deve ser na educação básica. Equivocadamente, o Brasil, nos últimos anos, priorizou a abertura de universidades e criou programas de bolsas de estudos e financiamentos. Países que avançaram na educação fizeram o caminho oposto ao priorizarem a educação básica.

Mas engana-se quem pensa que só recursos resolvem a nossa problemática educação, pois o gasto no Brasil com educação pública é de 6% do PIB, o que é um índice superior a de alguns países mais ricos. Portanto, o recurso é importante, mas o grande desafio está primeiramente na definição de um projeto de educação pela sociedade brasileira e o momento atual seria muito oportuno para isso. Infelizmente, enquanto cidadãos perdemos a oportunidade e ficaremos à espera de que o Presidente eleito seja um salvador da pátria e, por consequência, da educação brasileira. **Laura Chaves**

A importância do Dia da Árvore

O dia da árvore é comemorado em todo o Brasil em 21 de setembro e tem como objetivo principal a conscientização a respeito da preservação desse bem tão valioso. A data, que é diferente em outras partes do mundo, foi escolhida em razão do início da primavera, que começa no dia 23 de setembro no hemisfério Sul.

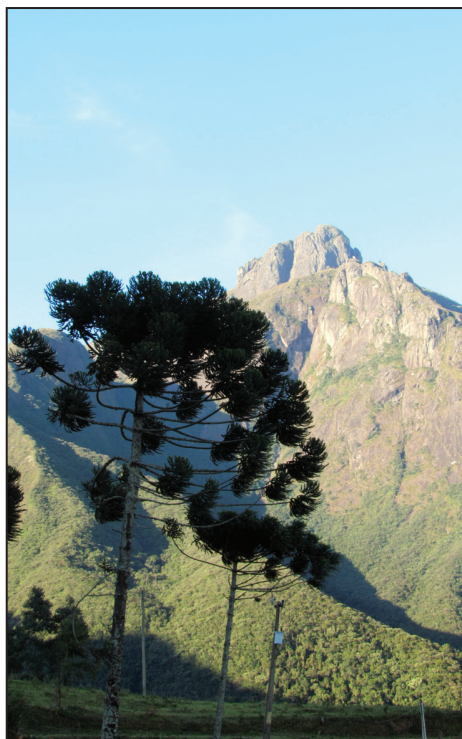
A árvore é um grande símbolo da natureza e uma das mais importantes riquezas naturais que possuímos. As diversas espécies arbóreas existentes são fundamentais para a vida na Terra porque aumentam a umidade do ar graças à evapotranspiração, evitam erosões, produzem oxigênio por meio do processo de fotossíntese, reduzem a temperatura e fornecem sombra e abrigo para alguns animais. Além disso, entre as diversas espécies arbóreas existentes incluem-se várias tantas frutíferas, fonte de alimento para aves e animais silvestres.

Em virtude da grande quantidade de desmatamento, da expansão urbana e de

queimadas criminosas, inúmeras árvores vêm sendo constantemente exterminadas. O desmatamento afeta diretamente a vida de toda a população, que passa a enfrentar erosões, assoreamento de rios, redução do regime de chuvas e da umidade relativa do ar, desertificação e perda da biodiversidade.

Vivemos no domínio da Mata Atlântica, bioma dos mais ameaçados do mundo. Em função de sua importância para o planeta esse bioma foi classificado pela UNESCO como uma “reserva de biosfera” – conjunto de porções de ecossistemas terrestres de remanescentes de Mata Atlântica. No país, restam apenas cerca de 8% da mata atlântica que existia à época da chegada dos portugueses ao Brasil. No Vale do Paraíba, são poucos os fragmentos significativos dessa floresta e, dentre eles, grande parte encontra-se na região da Serra da Mantiqueira. Nesses trechos, ainda podem ser encontradas árvores de grande porte. O que vemos hoje é uma sombra do que foi floresta no

passado. Piquete preserva um fragmento deste bioma que tem atraído a atenção de especialistas em função de sua diversidade e grande quantidade de espécies. Não foi por acaso que o fragmento de mata atlântica mantido pela FPV/IMBEL foi preservado em seu estado original: quando dos primeiros estudos para a instalação de uma fábrica de pólvora sem fumaça no Brasil, nos primeiros anos de 1900, especialistas apontaram a região de Piquete não apenas por sua localização estratégica, nos contrafortes da Mantiqueira, mas pelo microclima criado pela floresta e a abundante presença de água. Biólogos que por diversas vezes visitaram a floresta em Piquete ficaram impressionados com a quantidade de árvores e o porte delas. São árvores centenárias que encantam. Se quisermos saber como era a Mata Atlântica original, basta voltar os olhos para a floresta da FPV em Piquete, um patrimônio natural piquetense que deve ser preservado a todo custo.



Fotos Arquivo Pró-Memória e reprodução da internet

São Miguel

Havia o São Miguel grande e o São Miguel pequeno.

O grande ficava o ano todo trancafiado no quarto dos santos, em meio a andores, estandartes, alfaia e caixas de flores, de onde saía apenas para a procissão de 29 de setembro. Dava gosto admirá-lo. Solene, percorria as ruas da cidadezinha nos ombros dos soldados do Contingente da Fábrica Presidente Vargas, impecáveis nas fardas e nas atitudes.

São Benedito à testa do cortejo, para não chover. Anjinhos e mais anjinhos – afinal era festa de anjo – humildes, asas de filó, túnicas de lamê. Devotos descalços: cumprimento de promessas. Dobrados da banda: alegres, marciais. Tapetes de folhas verdes. Linho e renda nas janelas.

E o Arcanjo seguia como um príncipe guerreiro, combativo e defensor, o sol morrente, para abençoar o povo. Se ele travara uma luta no céu contra Lúcifer, que livrasse a cidade dos espíritos malignos e das explosões na Fábrica, pediam suplicantes os olhares dos piquetenses.

O São Miguel pequeno – ou São Miguelzinho – ficava no altar-mor, sua morada permanente, num nicho acima do sacrário. Parecia um menino. De madeira, estilo barroco, as vestes coloridas, leve como uma palha, na mão direita a balança da Justiça para pesar as boas e as más obras dos cristãos. Quase desaparecia no meio das flores.

Diziam que viera de Portugal, esculpido por mãos sensíveis. Sua história perde-se no tempo. Com a reforma da velha matriz, ele desapareceu. Não se sabe onde e com quem está. Alguns, em tom de brincadeira, diziam: – Bateu asas e voou.

Havia um terceiro São Miguel. Pintado em tela, no forro da nave. Esvoaçante, imperioso, o semblante viril, os gestos decididos. “Quis ut Deus?” Os demônios cor de fuligem subjugados por sua espada, precipitados no fogo do inferno. Polarizava os olhares das crianças, num misto de respeito, curiosidade e medo.

No dia 29 de setembro, a igreja amanhecia alegre, enfeitada com flores de papel crepom e festões de cedrinho que a deixavam perfumada. Minha mãe, festeira, década de quarenta, as flores confeccionadas na zona rural, pelas irmãs Maria e Ana Rodrigues de Souza, moças solteiras e prendadas. Lá no silêncio do Itabaquara, dos seus dedos brotaram milhares de pétalas cor-de-rosa. E as pessoas comentavam, com emoção: – A igreja parece um jardim, parece um doce!

Dinheiro para a festa conseguido com muito esforço. Uma folha de papel almaço e lá ia o casal de festeiros a bater de porta em porta. Recusa de alguns: ar sisudo, palavras descorteses. Mas como era tudo para a glória de Deus e do Arcanjo padroeiro, valia o sacrifício.

O dia começava festivo. Alvorada às cinco horas da manhã, os músicos num caminhão. Depois as missas, o leilão de garrotes e a quermessinha na Praça João Pessoa, atual Leonor Guimarães. A música do coreto. Arcos de bambu. Barraquinhas cobertas de sapé. Bandeirinhas coloridas.

Muita gente da roça: vestidos de chita, ternos de brim, botinas reluzentes. Vinham a pé, a cavalo, de charrete, acolhida em casa de parentes e amigos. E nunca chegavam de mãos vazias: um franguinho para o almoço, um queijinho para o café da tarde.

Um alvoroço de sinos e foguetes de vara: em revoada as andorinhas do campanário.

Solene a missa das dez horas: a brancura perfumada do incenso, as sonoridades do Latim. Ao Evangelho, reflexões teológicas sobre os anjos. Se aquela gente roceira nada entendia, valia a simplicidade da fé, a crença no mistério, os olhos cravados como setas na pequena imagem do altar e a prece até hoje cantada por todos:

*São Miguel Arcanjo, do céu sois farol,
Espada de fogo, de um raio de sol!
Padroeiro glorioso de nossa cidade,
Fazei-a repleta de paz e bondade!*

Chico Máximo

Esportiva de Anjo

Palmyro Masiero

Dizem que todo ser humano carrega seu anjo-da-guarda, nem que seja um “torto”. Piquetenses, somos privilegiados, pois além do anjo-da-guarda, temos um arcanjo, que é do primeiro time, velando por nós.

Por motivo de força maior (arcabouço para justificativas), no ano de 1938 a festa do padroeiro não foi comemorada no dia 29 de setembro, resumindo-se as honras a um simples tríduo. Foi transferida para dezembro.

Aconteceu no dia 8. Missa às seis, sete e meia e a solene, às dez. Na Matriz, caprichosamente decorada, repleta de fiéis, desenrolou-se o ato do sacrifício celebrado pelo vigário padre Septímio Ramos Arantes, acolitado pelos padres João Guimarães e Oswaldo Bindão.

O coro, tendo à frente D. Maria Euphrásia (organista) e D. Lili Couto, enlevou a todos. Convidados pelos festeiros, também participaram da missa o Tenente Bevilacqua, dois violinistas e um contrabaixista, que executaram belíssimas músicas. Ao Evangelho falou o padre Bindão, que discorreu sobre os anjos. Missa para deixar qualquer misseiro de queixo caído.

À tarde, aconteceria a procissão, à qual estariam presentes todas as ordens religiosas com suas respectivas opas, grande número de “anjinhos” e, evidentemente, a população católica do município.

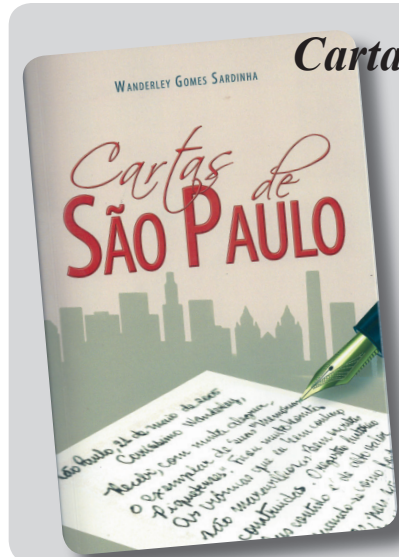
Antes da hora, os preparativos na matriz eram intensos. Toques e retoques no andor do herói do dia, São Miguel. Tudo preparado... Mas quê!!! Conhecem uma tempestade? Daquela de não deixar dúvida nem em defunto? Pois desabou uma dessa e o cortejo religioso pifou. Ante a impossibilidade da procissão aconteceu apenas a bênção do Santíssimo e uma oração do padre João Guimarães no recinto da igreja.

Sabemos nós, simples mortais, algo sobre senso de humor de anjo? Aquela chuva não teria sido mandada pelo nosso padroeiro, numa desforra por mudarem sua data sem consulta prévia? Sem pelo menos um telegrama celestial comunicando o fato? Pode ter batido o pé e exclamado: “Fora do meu dia não desfilo!”.

A procissão realizou-se no sábado seguinte. Aí São Miguel desfilou formosíssimo pelas ruas da cidade, num andor que impressionou a todos. Os festeiros, José Ribeiro da Silva e D. Maria do Carmo Brito e Silva, piquetenses que residiam em São Paulo, trouxeram um florista de Taubaté para requintá-lo.

Vaidade não é qualidade angelical. Arcano de arcanjo. Diante disso, somente recorrendo à angelologia para um melhor juízo.

Cartas de São Paulo



O piquetense Wanderley Gomes Sardinha publicou recentemente o livro “*Cartas de São Paulo*”, em que apresenta parte da correspondência trocada com a amiga Dóli de Castro Ferreira.

O autor registra nesta obra “... sua [de Dóli] brilhante orientação na produção da coletânea de mais de duzentos trabalhos do referido escritor sobre as memórias da cidade de Piquete, transformadas em obra literária”.

A Fundação Christiano Rosa agradece pelo exemplar recebido!

O Coral Projeto CAC (Cultural Artístico Cristão)

O Projeto Cultural Artístico Cristão foi criado pela Igreja Metodista de Lorena/SP buscando promover o acesso à cultura por meio de aulas de técnica vocal coral, teatro e artesanato, incentivando a criação de atividades artísticas e culturais na cidade. A supervisão é do Reverendo Joelson Lima da Silva (Metodista de Lorena) e da Reverenda Nilce Pereira Callisaya (Congregação de Piquete). O lema do Projeto vem do livro de Colossenses 3,23: “e tudo quando fizerdes; fazei-o de todo coração, como ao Senhor, e não aos homens”.

Uma das vertentes do Projeto CAC são as aulas de técnica vocal, que deram origem



a um coral de quatro vozes, idealizado por Rafael Ribeiro da Silva Rosa e Paulo Enrique Giummarresi Narcizo.

A princípio, a proposta era que as aulas de técnica de canto coral ocorressem apenas como oficinas artísticas, sem nível de exigência performática. Mas, com o

reconhecimento do público, instituiu-se um grupo musical fixo com a finalidade de divulgar boa música e cultura.

Em 25 de agosto de 2018, semana em que a Igreja Metodista de Piquete completou 89 anos de existência, o Coral do Projeto CAC representou Piquete no VI Encontro de Corais de São Francisco Xavier

– Vozes da Mantiqueira. Com vasto repertório, a apresentação foi repleta de sucesso.

Foto (acervo particular): Em pé: Rafael (maestro), Taina, Celina, Cris, Júlia, Maiza, Ana Clara, Pedro, Atenildo, Hido, Nancy, Mirhtes, Lucy, Tereza Nogueira, Sueli, Rita, Tereza Cristina e Zé Paulo (organista) **Agachados:** Dadinha, Luzia, Sandia, Fábio, Nivea, Ana Julia, Eva e Marilene.

Desde a redemocratização, pela primeira vez um candidato saudosista da última ditadura e desconfiado da nossa atual democracia tem chances reais de se tornar Presidente da República. Em um contexto de profunda crise social, parece inócuo apelar à solidariedade dos brasileiros denunciando os ataques que Jair Bolsonaro destila aos mais diversos setores da sociedade. O exercício de reflexão individual, no entanto, pode ser útil, especialmente porque em um país plural como o Brasil a chance de que uma pessoa se enxergue como parte de ao menos um dos grupos atacados pelo candidato é grande e a disposição quase instintiva de preservar a liberdade individual e a igualdade frente aos outros, no fracasso da solidariedade, pode ser o último bastião democrático.

As barbáries proferidas pelo deputado contra minorias sociais são copiosas, e a população negra é alvo constante. No programa CQC, exibido na Rede Bandeirantes em 28 de março de 2011, ao ser perguntado sobre o que faria caso seu filho se apaixonasse por uma negra, o deputado afirmou que “não corria esse risco, pois seus filhos haviam sido muito bem educados”. Podemos dar a ele o benefício da dúvida, imaginando que talvez não tenha entendido bem a questão. Exige maior esforço, no entanto, a mesma complacência no caso em que, ao falar de quilombolas que havia conhecido, usou a unidade “arrouba” para se referir ao peso dessas pessoas. A infame referência, vale dizer, se dá em uma nação na qual, por quase quatro séculos, os negros não foram, sequer do ponto de vista legal, considerados seres humanos. Mais grave fica quando levamos em conta que o racismo, herança desses tempos de profundo obscurantismo, continua funcionando, desde sempre, como obstáculo no acesso a oportunidades por

Civilização ou barbárie

parte dos negros. A declaração no Programa Roda Viva, em 30 de julho de 2018, de que “os portugueses sequer pisaram na África” e de que não haveria qualquer dívida histórica com essa população, é simbólica quanto à relativização que o candidato faz da história da escravidão no Brasil, numa tentativa covarde de eximir o Estado brasileiro de qualquer obrigação reparadora quanto aos efeitos perversos do racismo.

A forte rejeição entre as mulheres (na maioria das pesquisas, em torno de 50%) demonstra que esse nicho, não sem razão, já se atentou ao comportamento misógino do candidato. Em 2014, no Plenário da Câmara, o deputado, ao se referir a uma desafeta política, disse que não estupraria a colega porque a mesma “não merecia”. Não é preciso grandes conhecimentos de lógica para perceber o caráter negociável que o candidato, em sua fala, atribuiu ao estupro, como se a prática fosse punição cabível, passível de merecimento, a depender do comportamento do antagonista. As declarações de que não pagaria o mesmo salário a homens e mulheres, feita no Programa Superpop, da RedeTV, em 2015, assim como a postura de eximir do Presidente esforços para diminuição da desigualdade salarial de gênero, como se o combate à dupla jornada feminina ocasionada pelo trabalho doméstico não devesse ser objeto de política pública, escancaram o pensamento medieval que o deputado dispensa às mulheres.

No âmbito da questão dos direitos LGBT's, a postura preconceituosa é turbinada pelo uso constante de fake news para desmoralizar a pauta e seus defensores. Vale dizer que até hoje o candidato explora o que ele chama de “Kit Gay”, referindo-se ao Programa Escola Sem Homofobia, mesmo que a tal política nunca tenha sido

implementada. Os de boa memória se recordam que, em 2011, a fim de colocar “panos quentes” em investigações contra o então Ministro da Casa Civil, Antônio Palocci, o governo Dilma cedeu ao achaque da bancada religiosa e suspendeu a implementação do Programa. Ainda assim, Bolsonaro et caterva continuam a explorar o “kit”, a cada hora, com um novo livreto cuja distribuição junto às escolas públicas teria sido realizada pelo MEC: preconceito e falseamento da realidade em uma só postura.

Em suma, se o leitor entende como grave pelo menos alguma das informações acima colocadas e pretende votar em Bolsonaro, deveria repensar seu voto e buscar maiores esclarecimentos. Há candidatos dos mais variados posicionamentos, à esquerda, à direita e ao centro, que comungam da democracia e de seus valores e o voto dos democratas não deveria escapar a esse grupo. Antes de decidir o futuro devemos assegurar que aquilo que nos caracteriza como civilização seja preservado. Até o segundo turno há tempo suficiente para refletir.

Rafael Domingues de Lima

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22

Tels.: (12) 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

São Miguel e nossa tradição

O homem, enquanto ser social, organiza-se dentro de sua comunidade: sonha, projeta e produz cultura sempre voltada para o bem-estar da população.

As festas tradicionais, de cunho religioso ou não, são formas de produção cultural que devem ser estimuladas e preservadas. Desde remotos tempos, o povo cristão, sob orientação de seus pastores, sempre realizou festas em louvor a seus santos de devoção. Nessas festas fundem-se práticas religiosas e profanas que, em equilíbrio, convivem harmoniosamente. Essas festas, espontâneas no seio da população, acontecem em Piquete desde o século passado e objetivam duas finalidades: primeiro, proporcionar ao povo reunido discussão, estreitando todos os laços comunitários; segundo, arrecadar fundos destinados à manutenção das igrejas e do culto.

Ao lado das manifestações de fervor religioso – orações, novenas, pregação da Palavra de Deus, frequência aos Sacramentos da Penitência e Eucaristia, o povo se alegrava nas quermesses, em torno das barracas, criando-se deste modo um ambiente comunitário entre as famílias.

Animados de religiosidade e de espírito comunitário, os antigos moradores do bairro do Piquete se reuniram, em 1864, reivindicando, através de uma petição, a

construção de uma capela sob a invocação de São Miguel. Assim, construiu-se a antiga Matriz de São Miguel, fez-se uma grande reforma desse templo em 1928 e ergueu-se a nova Matriz na década de 60. Foi também dessa forma popular que, ao longo dos anos, se conseguiu renda para retoque das igrejas, compra de alfaías, criação de fundos patri-moniais para subsistência.

Este ano, ao comemorarmos nosso Padroeiro e celebramos os 130 anos da Paróquia de São Miguel, evidencia-se um resgate da piedade popular que tantos benefícios traz a uma comunidade. As festas de São Miguel permitem-nos ir ao encontro de nossas raízes, com suas quermesses, alvoradas, retretas, proporcionando um pouco de diversão ao povo e, principalmente, ressuscitando o espírito comunitário que sempre norteou os piquetenses. Com o resgate de nossa cultura e retomando a prática de nos reunirmos, torna-se possível discutir os problemas mais comuns de nossa cidade, propor ações e contribuir para a efetivação das suas soluções. Com isso nossa sociedade se aperfeiçoará, tomando-se mais humana e fraterna.

Neste setembro, temos mais uma vez a tradicional festa do padroeiro de Piquete. Que tenha muito brilho e animação do povo que, como de costume, renova e reafirma a fé no glorioso São Miguel!



Fotos Arquivo Pró-Memória

Miguel, arcanjo zeloso da glória de Deus

Abigayl Lea da Silva

*Bem cedo aprendemos, insistem conosco
De Deus a vontade é preciso acatar.
Humanos que somos, com tantos apelos,
Buscamos um norte, um foco a brilhar.*

*Atalhos se abrem, o fútil deslumbra.
Custódios se esforçam, sugerem caminhos.
Quimeras provocam, atraem sagazes
Sirenas escondem projetos mesquinhos.*

*Buscar a verdade com força e presteza.
Os mestres alertam: melhor refletir.
Somar bons augúrios, o tédio a pagar.
Na alma sedenta, do belo o elixir.
O líder soberbo em febre vocífera
Falange se insurge, se nega a obedecer.
A Lei pisoteia, a ordem frangalha
Nos átrios blasfema, a paz oblitera.
Falange se cala, engole ousadia.
Adentra Miguel, tumulto não vinga.
Vontade de Deus não há quem discuta
Sussurros se ouvem, o céu silencia.*

*Arcanjos, não negues aos muitos devotos
A força do ânimo e a fé na verdade.
Socorre os aflitos e cura os doentes.
Protege hoje e sempre a nossa cidade.*

*Miguel, exaltamos as tuas virtudes.
Bem cedo aprendemos ao bem dar valor.
Piquete te cerca de muito carinho,
Recebe, Arcanjo, as nossas prendas de amor.*



Foto Arquivo Pró-Memória